SABERES QUE FLORESCEM: COPRODUÇÃO DE CONHECIMENTO EM PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DO TRABALHO FEMININO RURAL

KNOWLEDGE THAT BLOOMS: CO-PRODUCTION OF KNOWLEDGE IN PROCESSES OF RESIGNIFYING RURAL WOMEN'S WORK

Rebeca Maciel do Nascimento[1], Caroline Maria Maffini[2], Ana Gabriela Tessaro[2], Alessandra Matte[2]
[1] Curso de Agronomia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), [2]Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas (PPGSIS) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).
macielrebeca1@hotmail.com; carolinem.sh@gmail.com;
anagabrielatessaro@alunos.utfpr.edu.br; amatte@utfpr.edu.br

Grupo de Trabalho (GT): 5. Agricultura familiar e relações de gênero no meio rural

Resumo
A gestão dos estabelecimentos agropecuários brasileiros é realizada majoritariamente por homens. Essa realidade é reflexo de papeis de gênero que colocam as mulheres rurais em uma posição de subordinação, somada à tradição patriarcal que prioriza a figura masculina, inclusive no direito à herança da terra. Isso contribui para que o trabalho desempenhado pelas mulheres no meio rural seja frequentemente desvalorizado mesmo quando exercem atividades essenciais nas propriedades, elas são comumente vistas como auxiliares de seus maridos, e não reconhecidas como proprietárias ou responsáveis pela gestão do estabelecimento. Diante desse cenário, esta pesquisa-ação teve como objetivo promover o reconhecimento do valor do trabalho doméstico e agropecuário realizado pelas mulheres rurais. As atividades e a coleta de dados aconteceram durante um evento do Dia Internacional da Mulher promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Helena, no Oeste do Paraná, com a participação de cem mulheres. Por meio de dinâmicas de coprodução de conhecimento foi possível a constituição de espaços de autorreflexão, levando as participantes a reconhecerem a importância de suas contribuições tanto nas propriedades quanto nas comunidades em que vivem. Os resultados demonstraram avanços na autovalorização dessas mulheres, evidenciando a importância de estimular o acesso ao conhecimento, à valorização pessoal e coletiva, e ao protagonismo feminino. A educação e a capacitação se mostraram fundamentais para o desenvolvimento de habilidades, o fortalecimento do senso de coletividade e o incentivo à ocupação de espaços de liderança por mulheres. Ao tornarem-se conscientes de seu valor, essas mulheres passam a ocupar posições anteriormente inacessíveis em sua realidade. Valorizar o trabalho da mulher rural é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.
Palavras-chave: Autonomia. Igualdade de gênero. Inclusão produtiva.

Abstract
The management of agricultural establishments in Brazil is predominantly carried out by men. This reality reflects gender roles that place rural women in a subordinate position, reinforced by a patriarchal tradition that prioritizes men, even in matters such as land inheritance. As a result, the work performed by women in rural areas is often undervalued. Even when they carry out essential activities on the farm, they are commonly seen as assistants to their husbands rather than recognized as landowners or responsible for the management of the property.
In this context, this action-research project aimed to promote the recognition of the value of domestic and agricultural work carried out by rural women. The activities and data collection took place during an International Women's Day event organized by the Rural Workers' Union of Santa Helena, in western Paraná, with the participation of one hundred women. Through knowledge co-production dynamics, spaces of self-reflection were created, encouraging participants to recognize the importance of their contributions both on their farms and within their communities. The results showed progress in self-appreciation among these women, highlighting the importance of access to knowledge, personal and collective empowerment, and female leadership. Education and training proved to be essential for developing skills, strengthening a sense of community, and encouraging women to take on leadership roles. Once aware of their value, these women began to occupy positions that had previously been inaccessible in their reality. Valuing the work of rural women is a key step toward building a more just and equitable society.
Key words*: Autonomy. Gender Equality. Productive inclusion.*

1. Introdução

O Brasil dispõe de mais de 5 milhões de estabelecimentos agropecuários, em que há mais de 15 milhões de pessoas nas atividades desses estabelecimentos. O estado do Paraná tem aproximadamente 305 mil estabelecimentos agropecuários e um total de 846.642 pessoas que integram essas unidades produtivas. As diferenças entre sexo no meio rural é evidenciada quando dados indicam que, no Brasil, há 3,3 milhões de homens conduzindo estabelecimentos agropecuários, enquanto apenas 745 mil mulheres exercem essa função. No Paraná, essa desigualdade se mantém, com apenas 33 mil mulheres como proprietárias, enquanto a figura masculina continua a dominar esse cenário, somando 219 mil homens à frente de estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2019).

Essa predominância masculina na posse e na direção de estabelecimentos agropecuários é resultado de construções sociais históricas, que colocam as mulheres em posição de desvantagem em relação aos homens. A sociedade estimula valores e comportamentos que determinam os papeis de gênero, os quais majoritariamente colocavam as mulheres em uma condição inferior aos homens (Matte *et al*., 2021; Litre *et al*., 2023). Esse fato se evidencia na divisão de atividades entre homens e mulheres, em que as mulheres são destinadas mormente a trabalhos domésticos e reprodutivos, enquanto aos homens é atribuído gerenciar a propriedade e realizar tomada de decisão. Logo, o conhecimento das tecnologias agrícolas e as decisões na gestão da propriedade se concentram no domínio dos homens, deixando as mulheres como coadjuvante desses processos (Silva *et al*., 2020).

Os papeis de gênero no meio rural são estabelecidos desde a infância, direcionado as meninas ao cuidado da família e do lar, sendo frequentemente excluídas da gestão das atividades agropecuárias. Enquanto os meninos podem "auxiliar" nas atividades agropecuárias e serem apresentados a importância da gestão. A esse respeito, a religião se somava a esse cenário, visto que reforçava a ideia de que o papel da mulher é gerar filhos e se dedicar aos trabalhos domésticos, e ao homem, prover o sustento da casa. Essa divisão de funções propaga-se de geração em geração na sociedade rural, resultando, até os dias atuais, em contextos de marginalização da mulher rural (Erazo; Costa; Silva, 2021).

Além das tarefas domésticas, as mulheres rurais são responsáveis por exercer atividades agropecuárias. Esse fato reforça que elas possuem uma alta demanda de trabalho e, muitas vezes, não recebem o devido reconhecimento (Herrera, 2017). Segundo Matte *et al*. (2021), elas são frequentemente consideradas apenas ajudantes de seus pais ou marido, e seu trabalho é visto como sem valor monetário. Herrera (2018) relata que a desvalorização do trabalho exercido pela mulher no campo pode vir dela mesma, uma vez que enxerga suas atividades agropecuárias como uma extensão do ambiente doméstico. Dessa forma, não separa suas atividades agropecuárias das domésticas e, assim, invalida sua participação na produção agropecuária.

Uma pesquisa realizada por Nascimento *et al*. (2024) no município de Dom Pedrito (RS) evidenciou a sobrecarga de trabalho de mulheres rurais, em que, 77% das entrevistadas relataram conciliar os cuidados com os filhos, as tarefas domésticas e as atividades agropecuárias. Entre suas responsabilidades nas propriedades, destacam-se o manejo animal, o cultivo de hortaliças e a produção de artesanato, desde o processamento de frutas para sucos até a confecção de produtos com lã. O estudo de Costa (2020) mostra que as mulheres do campo, que residem na zona rural do Maciço de Baturité, nas cidades de Capistrano e Aracoiaba, relataram que "ajudam" os maridos desde o plantio até a colheita. No entanto, 63% delas não têm acesso ao lucro gerado, enquanto as 37% que recebem destinam às despesas da casa.

Como resultado dessa desigualdade, a tendência à pobreza entre as mulheres rurais tem aumentado. De acordo com a FAO (2017), na América Latina, a pobreza extrema afeta 21%

mais mulheres do que homens. No meio rural, apesar da sobrecarga de trabalho, 40% das mulheres com mais de 15 anos não possuem renda própria, evidenciando a desvalorização do trabalho feminino e sua maior exposição à vulnerabilidade econômica. Reis e Loayza (2023) afirmam que a ausência de remuneração pelo trabalho realizado no campo agrava essa vulnerabilidade, dificultando o acesso das mulheres às políticas públicas e aumentando sua dependência econômica, o que também as expõe a maiores riscos de violência. Nesse contexto, Heredia e Cintrão (2012) destacam que muitas trabalhadoras rurais exercem suas atividades sem qualquer formalização, o que as impede de acessar direitos previdenciários, como a aposentadoria, mesmo após décadas de contribuição para a produção agropecuária.

Segundo Breitenbach (2023), outro aspecto importante na análise da desigualdade de gênero no campo é a tradição patriarcal, que impede as mulheres rurais de herdar terras, priorizando a figura masculina tanto para a posse quanto para a administração da propriedade produtiva. Esse cenário persiste devido a uma história equivocada que considera as mulheres rurais incapazes de gerir um estabelecimento agropecuário. Essa tradição afeta a vida das mulheres rurais até os dias atuais, como demonstra a pesquisa realizada com mulheres jovens por Tasso e Spanevello (2022). O estudo destaca que, apesar dos desafios, 62,1% das entrevistadas demonstraram interesse em assumir a propriedade rural da família, no entanto, apenas 13,8% confirmaram que efetivamente irão assumir a propriedade. Além disso, 44,8% concorrem com irmãos homens pela herança da terra, enquanto apenas 20,7% não possuem figuras masculinas com quem disputar a sucessão.

Dados da FAO (2019) revelam que as mulheres rurais representam 45% da força de trabalho na produção agrícola nos países em desenvolvimento, sendo responsáveis por mais da metade da produção de alimentos. Entretanto, apenas 30% das terras estão sob sua posse, e apenas 5% recebem assistência técnica. Conforme demonstram Alves, Sell e Castro (2018), as mulheres rurais não têm acesso aos mesmos recursos agropecuários que os homens, o que limita sua produtividade. Nesse sentido, a desigualdade de gênero no meio rural restringe o potencial produtivo feminino, uma vez que, se elas tivessem os mesmos recursos que os homens, poderiam aumentar a produtividade de suas lavouras em 20% a 30%. Ressalta-se ainda que, a igualdade de gênero no setor rural elevaria em 2,5% a 4% a produção agrícola dos países em desenvolvimento, o que reduziria a fome no mundo em 12% a 17%.

Apesar da histórica desvalorização do trabalho feminino no meio rural, estudos evidenciam a contribuição essencial das mulheres para o desenvolvimento agrícola (Ogunlela; Mukhtar, 2009) e pecuário (Litre *et al*., 2023). Dados da ONU Mulheres (2018) revelam que as mulheres rurais são responsáveis por aproximadamente 45% da produção de alimentos no Brasil e em outros países em desenvolvimento. Além de exercerem o papel produtivo, Strate e Costa (2018) destacam a relevância da mulher rural na preservação cultural, na manutenção da identidade local e na conservação da biodiversidade, principalmente pela gestão de quintais produtivos e de práticas agroecológicas tradicionais.

Os resultados do estudo de Salehi (2018) evidenciam a relevante atuação das mulheres produtoras de arroz no município de Tonekabon, no Irã. Das 133 mulheres pesquisadas, 44,6% apresentaram um nível elevado de participação na manutenção das lavouras de arroz. De maneira mais detalhada, essas mulheres foram responsáveis por 50,17% das práticas de plantio, 23,27% das práticas de proteção e 47,12% das práticas de colheita. No total, as mulheres realizaram cerca de 43,12% das tarefas envolvidas no cultivo do arroz, do plantio à colheita. Esses resultados demonstram que, apesar de homens e mulheres contribuírem para o cultivo do arroz, as mulheres realizam quase metade das atividades agrícolas.

No setor da pecuária, Mori (2023) destaca o protagonismo das mulheres e sua contribuição significativa para a geração de renda, inovação e transformação cultural no meio rural. Além de atuarem diretamente na produção pecuária, elas também estão presentes em

agroindústrias, no artesanato, no turismo rural e em serviços ambientais. Quando são proprietárias das propriedades rurais, exercem um papel decisivo na gestão e na implementação de inovações. Uma análise de Langbecker e Perleberg (2014) sobre a participação feminina na pecuária de corte em Dom Pedrito-RS revela que, embora as mulheres tenham longa experiência na pecuária, é recente a participação na gestão das propriedades. O estudo destaca que essas produtoras possuem amplo conhecimento técnico e desenvolvem estratégias comerciais, demonstrando competência em um ambiente tradicionalmente masculino. Em recente obra sobre o tema, Litre *et al*. (2023) demonstram no Brasil, Uruguai e Argentina as mulheres pecuaristas tem protagonismo pouco encontrado em atividades agrícolas, ao passo que assumem a gestão e a tomada de decisão dessa atividade nos contextos estudados.

Observa-se, a partir dos estudos apresentados, que as mulheres rurais têm conquistado certo espaço na gestão das propriedades e no acesso a direitos. No entanto, a invisibilidade e a desvalorização de seu trabalho no meio rural ainda persistem. Logo, torna-se fundamental fortalecer a luta pela valorização das atividades realizadas pelas mulheres no campo e pelo reconhecimento de seu protagonismo na agropecuária (Schneider *et al*., 2019; Matte *et al*., 2021). Diante dos fatos apresentados, o presente trabalho, fundamentado na metodologia da pesquisa-ação, teve como propósito promover o reconhecimento do valor do trabalho desempenhado pelas mulheres agricultoras, tanto no âmbito doméstico quanto agropecuário, ressaltando sua atuação no desenvolvimento produtivo do meio rural.

2. Método

A pesquisa realizada neste trabalho aborda a análise de um projeto de extensão que utilizou a pesquisa-ação junto a mulheres rurais residentes no município de Santa Helena, localizado na região Oeste do estado do Paraná. A metodologia adotada apoiou-se em uma abordagem focada na construção coletiva do conhecimento e na troca de experiências, buscando identificar resultados relevantes, conforme as orientações propostas por Matte *et al*. (2021).

As atividades foram conduzidas por um grupo formado por sete mulheres, sendo uma professora e seis estudantes dos níveis de graduação, mestrado e doutorado. A pesquisa foi realizada durante um evento promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Santa Helena, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Participaram das ações aproximadamente 100 mulheres agricultoras com atuação ativa no trabalho no campo.

Inicialmente, as mulheres foram organizadas em círculo, com o objetivo de favorecer a interação e o diálogo, tanto entre as participantes quanto com as pesquisadoras. Essa metodologia, desenvolvida por Paulo Freire, é conhecida como Círculo de Cultura e, ao ser aplicada, proporciona um ambiente democrático no qual todas têm a oportunidade de se expressar. Esse espaço de diálogo possibilitou que as participantes se posicionassem diante de suas experiências e atribuíssem novos significados ao que foi vivido (Gomez; Franco, 2015). No contexto deste estudo, a aplicação do Círculo de Cultura teve como objetivo possibilitar, por meio do espaço de fala, que as mulheres rurais construíssem coletivamente a consciência do valor que possuem, cumprindo, assim, um dos propósitos dessa metodologia (Padilha, 2012).

Com o objetivo de “quebrar o gelo”, as atividades foram iniciadas com uma dinâmica chamada “corrente elétrica humana”, na qual uma pessoa apertava a mão da outra ao seu lado, transmitindo o gesto sucessivamente até que ele retornasse à pessoa que iniciou a ação. A finalidade dessa dinâmica foi tornar o ambiente mais leve e favorecer a descontração das mulheres participantes.

Na segunda atividade, foi proposto que as mulheres respondessem quais eram as tarefas que desempenhavam em suas casas. A partir desse questionamento, iniciou-se um diálogo no qual as participantes compartilharam tanto atividades domésticas quanto agropecuárias que

realizam no cotidiano. À medida que mencionavam as tarefas, as facilitadoras as registravam em um quadro. Quando uma atividade era citada por mais de uma participante, um asterisco era acrescentado ao lado dela no quadro. Em seguida, foi feita uma nova pergunta: caso precisassem viajar e contratar alguém para realizar todas as tarefas que executam, quanto considerariam justo pagar por cada uma delas? Coletivamente, as mulheres discutiram os valores que julgavam adequados para cada atividade mencionada. Após a definição dos preços, foi realizada a somatória total dos valores atribuídos. Ao final da atividade, promoveu-se uma discussão sobre o valor do trabalho desempenhado por elas e o reconhecimento que esse trabalho merece. A conversa destacou a importância da presença e da contribuição das mulheres tanto no ambiente familiar quanto no setor agropecuário.

Com o intuito de estimular a reflexão sobre a sociedade e os direitos das mulheres, as participantes foram organizadas em cinco grupos e convidadas a responder, coletivamente, às seguintes perguntas: Como era ser mulher há 60 anos? e Como é ser mulher nos dias atuais? A partir dessas questões, os grupos dialogaram sobre as transformações sociais, os desafios enfrentados pelas mulheres e compartilharam opiniões e experiências pessoais. Em seguida, foi reservado um momento para que cada grupo apresentasse suas reflexões e conclusões ao coletivo. Para finalizar a ação, a quarta atividade teve como objetivo encerrar o encontro com leveza, alegria e descontração. As participantes foram organizadas em círculo novamente, de mãos dadas, e vivenciaram um momento de reflexão conduzido por uma das pesquisadoras, que compartilhou palavras de ânimo, valorização e empoderamento com o grupo.

Figura 1 - Dinâmica de subgrupos com as mulheres produtoras rurais.



Fonte: Registro das autoras.

A análise dos dados está baseada na metodologia de análise de conteúdo, que permite identificar padrões e significados das narrativas por meio das transcrições das gravações, além de analisar os desenhos produzidos e as apresentações realizadas, sistematizando as principais conclusões de cada subgrupo.

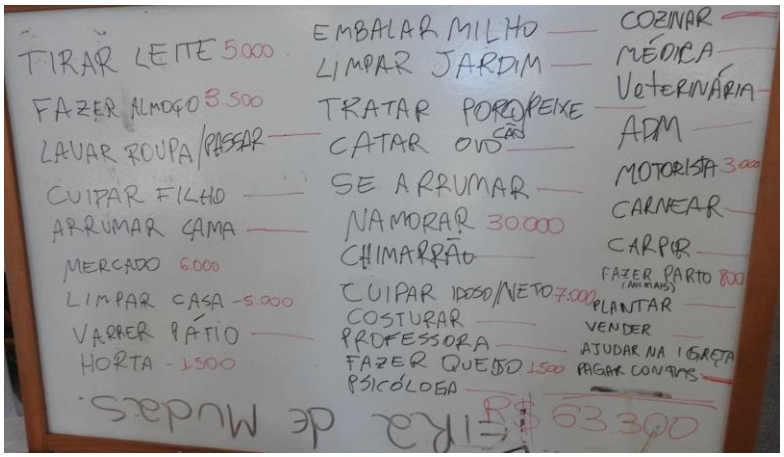
3. Resultados e Discussão

Com relação à primeira questão, as participantes mencionaram as atividades que desempenham tanto em casa quanto no campo. As tarefas citadas referem-se, em grande parte, ao trabalho doméstico, com destaque para: cozinhar, passar roupa, lavar, fazer compras, pagar contas e cuidar da família. Observa-se que, além das responsabilidades com o cuidado do lar, essas mulheres também enfrentam uma elevada carga de trabalho nas atividades agropecuárias,

que vão desde o cultivo de hortaliças até o manejo de animais. Esses aspectos evidenciam a importância da mulher rural tanto no âmbito familiar quanto na produção agrícola. Sua atuação nos estabelecimentos rurais é essencial para o fortalecimento da segurança alimentar e para o desenvolvimento das comunidades do campo (Rodrigues *et al*., 2021).

Ao atribuírem um valor hipotético à contratação de mão de obra para um período de um mês, foram elencadas pelas participantes as principais atividades realizadas no cotidiano das propriedades, às quais foram atribuídos valores monetários correspondentes. Ao final do exercício, as mulheres estimaram que o conjunto de tarefas por elas desempenhadas equivaleria a um custo aproximado de R$ 63.300,00. Essa atividade, ainda que proposta de maneira lúdica e hipotética, favoreceu a manifestação espontânea de reflexões significativas, expressas em frases como: “Vou chegar em casa e falar para meu marido” e “Vou tirar uma foto e mostrar lá em casa”, revelando um processo de tomada de consciência acerca do valor econômico de seu trabalho.

Figura 2: Quadro com atividades das mulheres rurais



Fonte: Registro das autoras.

No que se refere ao valor do trabalho da mulher rural, a discussão sobre quanto seria necessário pagar a alguém para realizar as tarefas domésticas e agropecuárias desempenhadas por elas abriu um espaço significativo para o diálogo entre as participantes. Essa atividade proporcionou um momento de reflexão coletiva sobre o valor do próprio trabalho, e ao final ficou evidente que elas passaram a reconhecê-lo. O ponto-chave da atividade, que despertou essa consciência, foi a somatória dos valores atribuídos a cada tarefa realizada, revelando de forma concreta a importância do trabalho que exercem no cotidiano.

A pergunta “como era ser mulher há 60 anos?” provocou uma profunda reflexão sobre os direitos das mulheres e a estrutura da sociedade. Os grupos, formados por mulheres de diferentes faixas etárias, proporcionaram uma rica troca de experiências entre gerações. Entre os diversos relatos, destacou-se a rigidez da sociedade em relação às normas sociais impostas às mulheres. A violência psicológica e sexual era uma realidade frequente, e, desde a infância, muitas foram ensinadas a adotar uma postura de submissão em relação aos homens.

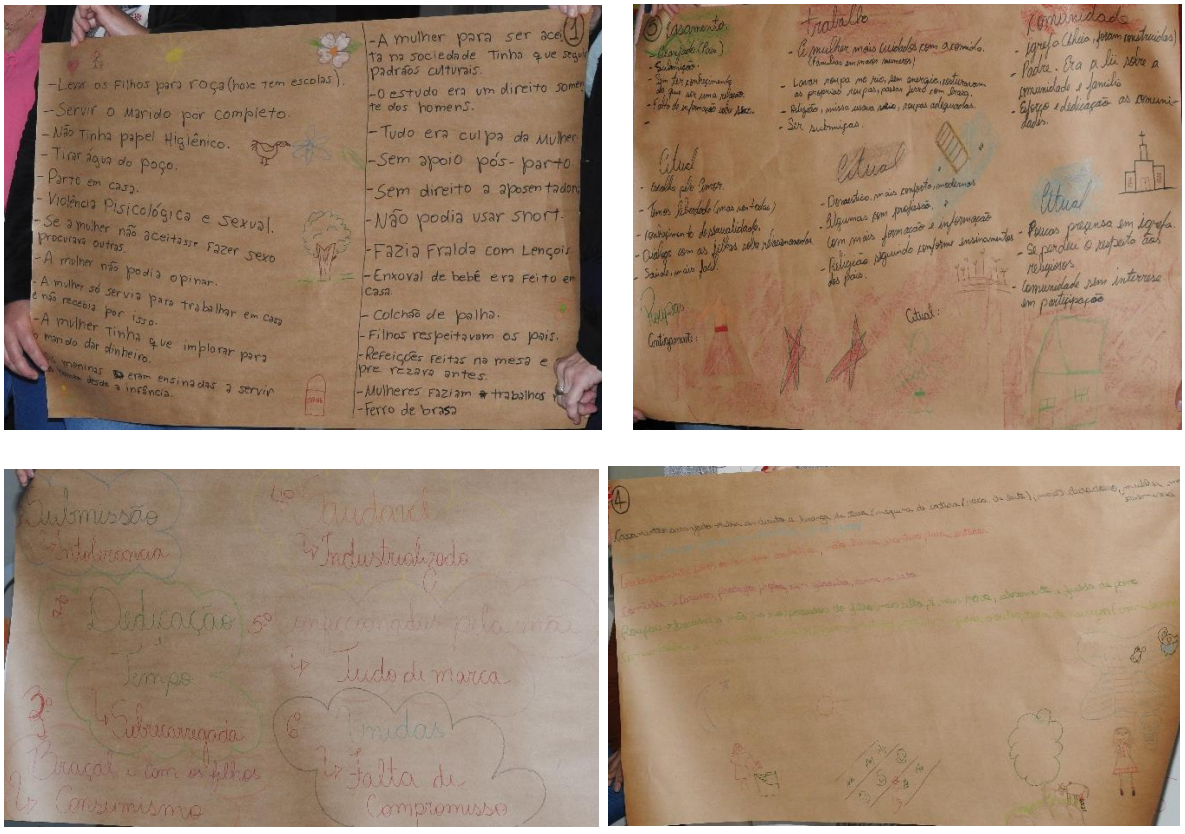
As participantes da terceira idade narraram com riqueza de detalhes o cenário vivido por elas e por suas mães, destacando as rígidas normas sociais de 60 anos atrás, especialmente em relação às vestimentas. Naquela época, era imposto que as mulheres usassem roupas que cobrissem a maior parte do corpo, sendo obrigadas a se vestir de forma recatada, o que, em dias de muito calor, causava grande desconforto. O uso de peças como shorts, por exemplo, era visto

como sinal de imoralidade e bastava para que uma mulher fosse vista de forma negativa pela sociedade.

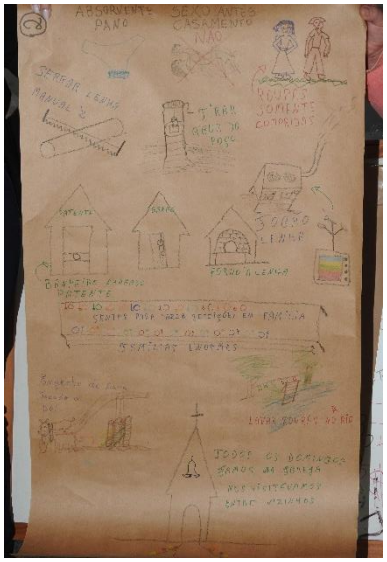
As participantes enfatizaram que, há 60 anos, a sociedade atribuía às mulheres rurais o papel de cuidar dos filhos, dos maridos e das tarefas domésticas. Além dessas responsabilidades no lar, elas ainda se desdobravam para trabalhar nas lavouras e cuidar dos animais, junto aos maridos. Muitas relataram a rotina exaustiva de passar o dia inteiro no campo, trabalhando durante a manhã e tarde, e à noite ainda cumprir com os afazeres domésticos. Segundo os relatos, as roupas eram confeccionadas manualmente, não havia o costume de comprá-las em lojas. A confecção das vestimentas da família era uma responsabilidade mulher. Após cuidar dos filhos, dos maridos e da casa, elas ainda precisavam costurar, o que era um desfio tendo em vista que havia falta de acesso à eletricidade na maioria das propriedades rurais na época.

Após refletirem sobre o passado das mulheres rurais, as participantes foram convidadas a comentar sobre a condição feminina na sociedade atual. Destacaram que, embora ainda existam desafios, houve avanços significativos: as mulheres conquistaram mais direitos e liberdade, e o casamento deixou de ser visto como o único caminho possível para suas vidas. Apesar de ainda ser minoria mulheres à frente de estabelecimentos agropecuários, hoje essa realidade é possível, algo inexistente há 60 anos. Atualmente, as mulheres têm acesso ao trabalho e à educação, o que lhes proporciona maiores oportunidades e a chance de alcançar a independência financeira.

Figura 3: Cartazes com respostas das mulheres rurais à pergunta "Como era ser mulher há 60 anos?" e "Como é ser mulher nos dias atuais?"



Página 7 de 11



Fonte: Registro das autoras.

Os diálogos que ocorriam nos subgrupos das participantes, revelaram um consenso acerca da condição feminina em sociedades tradicionais no passado, o padrão de submissão. A pesquisa revela ainda que, para além da submissão, a experiência feminina em sociedades tradicionais era marcada por desafios adicionais, como a falta de acesso à informação e cuidados de saúde, especialmente em áreas consideradas tabu, como a menstruação e a sexualidade. A higiene menstrual precária e trabalhosa, somada à ausência de conhecimento sobre o próprio corpo, evidencia a negligência em relação à saúde da mulher. Falar da saúde da mulher rural é fundamental para superar as desigualdades enfrentadas pelas mulheres rurais, cujo acesso é limitado a serviços básicos de saúde, informação e educação.

A alimentação emergiu como um elemento central nas discussões de todos os grupos e eixos temáticos, exceto no tema vestimenta, evidenciando sua relevância tanto no contexto social quanto na dinâmica de gênero. Seja no preparo dos alimentos, na produção agrícola ou na relação com o trabalho, a alimentação esteve diretamente associada às atividades femininas, refletindo a responsabilidade histórica da mulher na manutenção da casa e do bem-estar familiar. Além disso, o papel da alimentação no meio social e nos rituais matrimoniais demonstra sua importância não apenas como necessidade básica, mas também como um fator simbólico e cultural.

Em síntese, as participantes ressaltam a importância de que as transformações e o fortalecimento dos direitos das mulheres não sejam interrompidos, mas sejam impulsionados pela união feminina, destacando a necessidade de mudanças significativas e avanços contínuos para alcançar a igualdade de direitos e a equidade de gênero. Nesse contexto, são apontados pelas participantes os seguintes eixos prioritários: acesso à terra e crédito; ampliação de oportunidades de capacitação e educação; melhoria da infraestrutura e serviços básicos; valorização e igualdade no mercado de trabalho; assistência e acesso aos mercados; garantia de saúde e proteção social; combate à violência e efetivação de direitos; e promoção da sustentabilidade e incentivos à agroecologia.

Conclusões

O papel das mulheres rurais vem passando por um processo de valorização em anos recentes, apesar dos ainda constantes registros de violência psicológica e física nesse espaço. A falta de reconhecimento muitas vezes vem das próprias mulheres, que não reconhecem

plenamente o valor e a importância de seu trabalho. A aplicação da pesquisa-ação cria um ambiente que estimula as mulheres a refletirem profundamente sobre os desafios que enfrentam na sociedade rural, promovendo a compreensão do valor e importância que possuem. Nesse caso, as mulheres saem das atividades com mais autonomia para defender seus direitos e buscar igualdade de oportunidades.

Atividades como a atribuição de valor às tarefas desempenhadas pelas mulheres evidenciaram a sobrecarga de trabalho a que estão submetidas e foram fundamentais para o fortalecimento da autoestima e da consciência sobre a importância que têm para o funcionamento dos estabelecimentos agropecuários. Mulheres que reconhecem seu valor tendem a reivindicar seus direitos com mais firmeza e a ocupar espaços que historicamente lhes foram negados. Valorizar o trabalho da mulher produtora rural, portanto, é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e verdadeiramente democrática.

Os resultados obtidos revelam que a conscientização das mulheres sobre seu valor econômico e social deve estar acompanhada de transformações estruturais na sociedade. Para promover a igualdade de gênero no meio rural, é fundamental garantir o acesso à terra, ao crédito, à saúde e à educação. A pesquisa evidencia que as políticas públicas devem ir além do reconhecimento da importância do trabalho da mulher rural, assegurando condições concretas de autonomia, como a capacidade de tomada de decisão, a independência financeira e a efetiva participação social.

Agradecimentos

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento, projeto nº 423392/2021-2, e a Rede de Pesquisa, Inovação e Extensão em Desenvolvimento Rural (Rede Campo) pelo espaço de diálogo e pelo trabalho em equipe.

Referências

ALVES, G. S.; Léia Beatriz Sell ; CASTRO, AMANDA . O TRABALHO DA MULHER NO CAMPO E SUAS INVISIBILIDADES. **Revista Digital do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História**. Universidade Federal da Integração Latino-Americana-UNILA. p. 1 – 10. 2018.

BREITENBACH, R. Jovens mulheres rurais estudantes das ciências agrárias: não querem ou não têm oportunidade de serem sucessoras?. **Revista de Economia e Sociologia Rural (RESR)**. v.62. p. 1-17. 2023.

COSTA, M. U. S. **A importância da mulher no contexto rural: desafios e perspectivas no ambiente doméstico**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração Pública) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Redenção, 2020.

COSTA, S. M. ; STRATE, M. F. Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável das mulheres rurais no RS – Brasil. **Brazilian Journal of Development**. v. 4. n. 7. p. 3732-3744. 2018. DOI: https://doi.org/10.34117/bjdv4n7-387

DOS REIS, M. V. S.; LOAYZA, A.C.V. Índice de vulnerabilidade social (IVS): uma análise da vulnerabilidade social feminina rural no Brasil. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**. 2023.

ERAZO, R. L.; COSTA, S. C. F. C. ; SILVA, L. J. S. . A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR: COMUNIDADE LAGO JANAUACÁ, CAREIRO CASTANHO - AM. **REVISTA TERCEIRA MARGEM AMAZÔNIA**, v. 6. p. 242-255. 2021.

FRANCO, M. ; GOMEZ, M. V. **Círculo de cultura Paulo Freire: arte, mídia e educação**. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina. p. 360. 2015. ISBN 978-85-8201-010-5.

HEREDIA, B. M. A. de; CINTRÃO, R. P. GÊNERO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO MEIO RURAL BRASILEIRO. **REVISTA NERA**. n. 8. p. 1–28. 2012.

HERRERA, K. M. Da invisibilidade ao reconhecimento: mulheres rurais, trabalho produtivo, doméstico e de care. **Política & Sociedade**. v. 15. p. 208. 2017.

HERRERA, K. M. **Tempo de Cuidar: uma análise sobre o trabalho reprodutivo das mulheres rurais**. In: VIII Encontro da Rede de Estudos Rurais, 2018, Florianópolis. ANAIS VIII Encontro da Rede de Estudos Rurais. Concepções de Sociedade e Direitos de Cidadania em Questão: novos desafios para o mundo rural brasileiro. p. 1404-1417. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário 2017**. Rio de Janeiro: SIDRA, 2019.

LANGBECKER, T. B.; PERLEBREG, C.S. A contribuição da mulher pecuarista como potencial ator na preservação da atividade de corte no município de Dom Pedrito - RS. **REDD - Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**. v. 8. 2014.

LITRE, G. (Org.) ; MATTE, A. (Org.) ; COURDIN, V. (Org.) ; RIBEIRO, C. M. (Org.) . **Mulheres, Sustentabilidade e Pecuária de Corte: gerando visibilidade no Pampa do Brasil, Uruguai e Argentina**. Bagé, RS: Innova Media Comunicação e Serviços Empresariais. ed. 1. v. 1. p. 282. 2023.

MATTE, A. *et al*. Co-production of knowledge among rural women: paths to female recognition in rural areas. **Sustentabilidade Em Debate**. p. 254-267. v.12. 2021. DOI: https://doi.org/10.18472/SustDeb.v12n2.2021.37700

MORI, C.D *et al***. Mulheres na pecuária. Brasília, DF: Embrapa**. 2023. eBook. ISBN 978-65-5467-021-0.

NASCIMENTO. S.G.S; RODRIGUES, P. F. ; AVILA, M. R. ; HANKE, DANIEL ; MAIA, J. A relação de trabalho e espaço da mulher rural. **Cadernos de Agroecologia**. v. 19. p. 1-7. 2024.

OGUNLELA, Y.I.; MUKHTAR, A. A. Gender Issues in Agriculture and Rural Development in Nigeria: The Role of Women. **Humanity & Social Sciences Journal**. v. 4. n. 1. p. 1930. 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Dia das Mulheres Rurais – agentes essenciais no desenvolvimento da sociedade**. ONU Mulheres. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO). **O papel da mulher na segurança alimentar**. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A ALIMENTAÇÃO E A AGRICULTURA (FAO). **Mulheres da América Latina e Caribe enfrentam mais pobreza e obesidade que os homens**. 2017.

PADILHA, P. R. **O 'Círculo de Cultura' na perspectiva da intertransculturalidade**. São Paulo. Centro de Referência Paulo Freire. 2012.

RODRIGUES, H. E. *et al*. Mulheres na agricultura familiar: uma análise no estado do Pará. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável GUAJU**. Matinhos. v. 7, n. 2. 2021.

SALEHI, L. Analysis of Rural Women's Role in Paddy Cultivation Practices (Case Study: Tonekabon Township). **International Journal Of Advanced Biological And Biomedical Research**. p. 109-115. 2018.

SCHNEIDER, C. O. ; GODOY, C. M. T. ; WEDIG, J. C. ; VARGAS, T. O. Mulheres rurais e o protagonismo no desenvolvimento rural: um estudo no município de vitorino, paraná. **Interações (Campo Grande)**. v. 21, p. 245-258. 2020.

Silva, A. M. da. *et al*. Extensão rural e construção da equidade de gênero: limites e possibilidades. **Revista De Economia E Sociologia Rural**. 2020.

TASSO, C. G. ; SPANEVELLO, R. M. . **O papel das mulheres nas propriedades rurais e a construção da sucessão geracional**. In: O PAPEL DAS MULHERES NAS PROPRIEDADES RURAIS E A CONSTRUÇÃO DA SUCESSÃO GERACIONAL, 2022, Palmeira das Missões. ANAIS DO V COLÓQUIO NACIONAL E I INTERNACIONAL DE PESQUISAS EM AGRONEGÓCIOS, 2022.